

**nadar no fogo:
educomunicações sudestinas e os direitos dos povos indígenas**

**swimming in fire:
southeastern educommunications and the rights of indigenous peoples**

João Augusto Rodriguez Quintino

Mestre do Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação
Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP)

São Paulo, SP

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-9993-7456>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17517349>

Resumo: Neste artigo, tentamos evidenciar o ODS 4 nas educomunicações da Declaração com Direitos dos Povos Indígenas (DPI). Tais especificidades plurais também são vistas na obra “*Nadar no Fogo*”, de Kaê Guajajara. Nos Artigos 14 e 15 da DPI, escrevemos que a música performa epistemologias de povos e comunidades tradicionais, localizadas no bioma Mata Atlântica. Junto também de povos *Banto*, *Guarany*, *Malê* e *Potiguara*, buscamos visibilizar protagonismos, e *responsas* socioambientais, com políticas públicas amorosas de bem-viver.

Palavras-chave: (1) Educomunicações; (2) Nadar no fogo; (3) Kaê Guajajara; (4) Povos indígenas; (5) ODS 4.

Abstract: In this article, we attempt to highlight SDG 4, in the educommunications of the Declaration of Indigenous Peoples' Rights (IPR). These plural specificities are also seen in Kaê Guajajara's work "Nadar no Fogo" (Swimming in Fire). In Articles 14 and 15 of the IPR, we wrote that music performs the epistemologies of traditional peoples and communities, located in the Atlantic Forest biome. Also with the Bantu, Guarany, Malê, and Potiguara peoples, we think the protagonisms and socio-environmental responsibilities, with public policies that promote well-living.

Keywords: (1) Educommunications; (2) Swimming on fire; (3) Kaê Guajajara; (4) Indigenous peoples; (5) SDG 4.

Introduções

Em 2023, povos indígenas decretaram emergência climática, se posicionando contra

... doenças que o modelo de desenvolvimento predatório, baseado na acumulação, no lucro e no consumismo insaciável causaram: inundações, secas, barramentos, furacões, aumento da temperatura do planeta em mais de 1% próximo à meta estabelecida pelos países de 1,5% até 2030.

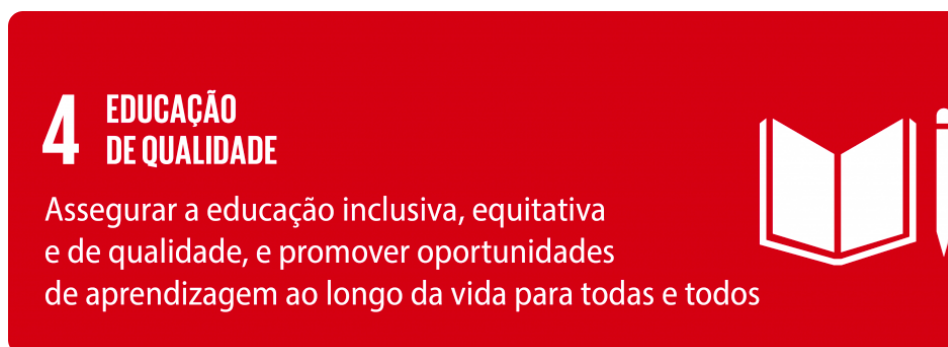
Não estamos falando somente de grandes florestas como a Amazônia. Defendemos com toda força a Amazônia, mas nosso grito parte do chão onde cada um de nós pisamos. Nossas Terras estão na Mata Atlântica, no Cerrado, nos Pampas, na Caatinga e no Pantanal. Cada área demarcada é um suspiro a mais para o Planeta. Cada parte da vida na terra integra o todo e precisa de cuidado. Sem Cerrado não há água na Amazônia. Sem a Mata Atlântica não existe a Caatinga. Você precisa compreender que este todo é interligado e cada parte dele é fundamental para a preservação da vida (APIB 2023: 1).

Compreender as demandas das emergências climáticas é notar que

... enquanto professores e mediadores de leitura não estiverem atentos e considerarem que a sabedoria popular é intrínseca, que a força da oralidade e de muitas narrativas que atravessam gerações deve ser valorizada no ambiente escolar, estaremos longe de formar integralmente os milhões de estudantes (DUARTE & NUNES 2020: 235).

É, portanto, notar que “não tem como desconectar a luta indígena da luta ambiental e da economia” (GUAJAJARA & DJEKUPE 2023: 22).

Figura 1 - ODS 4



Fonte: UFPA (2025)

O Objetivo de Desenvolvimento Sustentável¹ 4: “Educação de Qualidade”, busca cultivar acessibilidades, inclusões, pertencimentos² e demais melhorias possíveis em ambientes de aprendizagem continuada (ONU, 2015)

... com países menos desenvolvidos e pequenos Estados insulares em desenvolvimento [territórios que precisam de mitigações também aos] impactos adversos generalizados e consequentes perdas e danos relacionados à natureza e às pessoas, além de afetar desproporcionalmente as comunidades vulneráveis, as quais historicamente menos contribuíram para essas mudanças (SALDANHA 2025: 159).

Ao decretar emergências climáticas entre biomas, povos e comunidades reafirmam territórios tradicionais contra o racismo ambiental. Essas qualificações demandam cooperações internacionais integradas e transversais na economia pública e privada.

Também nessa seara, povos indígenas se destacam nas *práxis “de melhorias na comunicação e educação, de modo a qualificar o diálogo entre diferentes públicos, promovendo uma visão mais sistêmica”* (SALDANHA 2025: 173). São as tradições sustentáveis que

... operam como uma grande barreira contra o desmatamento e que mantêm esse grande estoque de carbono - que, se emitido, será uma catástrofe. Então, são os territórios indígenas que hoje garantem a vida na cidade (GUAJAJARA & DJEKUPE 2023: 18).

Realizar o Bem Viver, mesmo na cidade, é oportunizar a vida além da sobrevivência, *“com lógica de afetações [...] unificando, mas não universais; ao invés de universo (uma verdade), o pluriverso (onde tudo está interconectado)”* (BRIANEZI 2024: 89). Assim, Povos e comunidades tradicionais são parte da linha de frente dessas lutas, antes de leis internacionais e dos ODS (ACNUR 2008). O engajamento com o viver dos direitos indígenas é *práxis de “reflorestar o jeito de amar”* (NADAR NO FOGO 2023). A partir dessas caminhadas, esse artigo tenta investigar algumas dessas colheitas possíveis. De que formas a música *Nadar no Fogo*,

¹ A sustentabilidade que exaltamos é autotranscendência de identidades na arte, em espiritualidades e imaginações que criam *“mundo natural com a sustentabilidade, com um universo metafísico além da raça”* (hooks 2022: 216).

² Pertencimento, enquanto culturas de lugares, é: *“recuperar o legado de nossos ancestrais que sabiam que a maneira como tratamos a terra e a natureza pode determinar o nível de nosso amor-próprio, [...] reivindicar um legado espiritual no qual conectamos nosso bem-estar ao bem-estar da terra”* (hooks 2022: 74).

de Kaê Guajajara³, pode nos ensinar educomunicações da Declaração dos Povos Indígenas (DPI) socio porque ambientais? Quais práticas amorosas sudestinas possibilitam viveres tradicionais com educações de qualidade?

Figura 2 - Kaê Guajajara no videoclipe *Nadar no Fogo*



Fonte: Azuruhu (NADAR NO FOGO, 2023)

Nadar na Cultura

— *Bença!*

Caminhando por dunas, os passos da cantora popular originária Kaê Guajajara se direcionam ao Sol. Com um rugido contundente, na linguagem audiovisual, acompanhamos um sopro de sutileza em comum: *“tenho a vida inteira/ que é hoje, um amor potável/ tô na tua rede, terreno fértil, sem pagar a pena de um crime inventado”* (NADAR NO FOGO 2023).

A poesia de Kaê conflui com o verso da psicóloga Geni Guarany:

*Me feria o espírito cada vez que o exercício da minha liberdade/
era punido com hostilidade, grosserias, chantagens/ A cada vez que
tive que pedir desculpas e perdão por um pecado que não existia,/*
*A cada vez que paguei a pena de um crime inventado/ Espero que
meu corpo se recupere da ansiedade e angústia/ que sentia a cada
conversa que tínhamos,/ em que o medo da sua reação à minha/
liberdade quase me fazia desistir/ por cansaço, dos meus desejos,
encantos e paixões./ Eu sinto muito por todas as minhas
incoerências e hipocrisias./ Falhar não me torna menos digna de
lutar/ pelo que acredito; pelo contrário (NUÑEZ 2023: 151).*

³ A carioca e maranhense Kaê Guajajara é artista internacional. Se apresentou no *Rock In Rio 40 anos*, e no *The Town 2025*, nos palcos Favela e Quebrada, respectivamente. Em seu último álbum, *Forest Club*, conta com a participação de Gaby Amarantos na faixa 'Canoa de Rodas'. Em 2025, Amarantos também apresentou a *Campanha Amazônia Live*, cantando no Palco Flor, flutuante, sobre as águas do Rio Guamá, em Belém do Pará, com Dona Onete, Joelma, Zaynara e Mariah Carey.

As perspectivas das poetisas, conforme explicitaremos, estão parcialmente em conformidade com a Declaração dos Direitos dos Povos Indígenas, cuja legislação destacamos Artigos 14 e 15.

Em 13 de setembro de 2007 a ONU adotou a *Declaração Universal dos Direitos dos Povos Indígenas* (DPI), fruto da década internacional dos povos indígenas (1995-2004).

O projeto da Declaração foi proposto pelo Grupo de Trabalho sobre Populações Indígenas da Subcomissão para a Prevenção da Discriminação e Proteção das Minorias da ONU (POTIGUARA 2024: 28).

A carioca-paraibana Eliane Potiguara, uma das primeiras escritoras autoafirmadas indígenas, participou dos trabalhos. Parceira de congressos internacionais da historiadora mineira Lélia Gonzalez, Eliane Potiguara foi e é parte da história da DPI. Seus feitos deslocaram direitos universais individuais para direitos humanos coletivos, cujas especificidades tradicionais poetizam que *“é a relação dos povos indígenas com a água, uma relação de muito respeito e proteção. E não de posse!”* (POTIGUARA 2024: 52).

Assim, Sueli Maxakali engrossa o coro:

O rio é uma escola pra nós. A mata também é nossa escola. Por isso gostamos tanto de água. Pois é ela que nos fortalece! Quando bebemos água, ficamos vivos. É bom beber água limpa (NHE'ËRY 2023).

Sonhar o futuro ancestral hoje

Segundo a DPI,

... os povos indígenas têm o direito de estabelecer e controlar seus sistemas e instituições educativas, que ofereçam educação em seus próprios idiomas, em consonância com seus métodos culturais de ensino e de aprendizagem (ACNUR 2008: 10 Apud POTIGUARA 2024: 37).

São educomunicações de raízes, amores e lutas entre tantos lutos, enquanto direito. E ainda mais, de acordo com o Artigo 15 1:

Os povos indígenas têm direito a que a dignidade e a diversidade de suas culturas, tradições, histórias e aspirações sejam devidamente refletidas na educação pública e nos meios de informação públicos. 2. Os Estados adotarão medidas eficazes, em consulta e cooperação com os povos indígenas interessados, para combater o preconceito e eliminar a discriminação, e para

promover a tolerância, a compreensão e as boas relações entre os povos indígenas e todos os demais setores da sociedade (ACNUR 2008: 11 Apud POTIGUARA 2024: 38).

O decreto de emergência climática foi um ‘NÃO!’⁴ contra o conceito de “*monoculture of minds*” (BRIANEZI 2024: 90), monocultura das mentes. Desde o século XVI as lutas de povos milenares são legados de reações contra a tentativa de “*escravização indígena*” (POTIGUARA 2024: 16).

Assim, retomando o manifesto de emergência climática, o primeiro indígena na Academia Brasileira de Letras denuncia:

... nós estamos⁵ fazendo isso com os organismos vindos da Terra. Estamos depredando o planeta com uma matriz cultural que só tem uma economia, que é a monocultura (KRENAK & CAMPOS, 2022: 62-3).

Dessa percepção de discriminação crítica, precisamos tentar adotar, aprender, deslocar e reposicionar, em prática, saberes tradicionais de luta, porque “*a valorização dos anciãos é vital para a ética presente e futura. E que a vida precisa ser vivida com dignidade*” (POTIGUARA 2024: 67).

Para realizar esse diálogo, estabelecemos veículos com as *escrevivências*⁶ nos biomas, à filosofias Malê e Bantu. Grafando temporalidades de vidas e mortes nas matas,

... o termo escrevivência mostra-se com espessura para construir uma memória, produzir arquivos e se tornar propagável numa ambiência de trocas infindáveis (DUARTE & NUNES 2020: 202).

Forjado pela mineira Conceição Evaristo, as inspirações escrevíveis advêm das mulheres negras e indígenas, que, conforme Amanda Crispim e Carolina Maria de Jesus, reciclam⁷ dores do ambiente por meio de poesias:

⁴ Nos apropriando da expressão “não é não”, contra assédios, lembramos do direito de escolha contra a colonização, “*não terceiriza decisões sobre seu próprio corpo, de maneira que ela pode usar sua liberdade de escolha inclusive para não se relacionar [...] temos o direito de recusar, de não amar, de não querer algo mesmo que seja bonito, bom. O debate de consentimento também deve ser retomado aqui*” (NUÑEZ 2023: 56-131).

⁵ Geni Guarany também nos lembra que “*é preciso que reconheçamos que o trauma colonial existe, mas lembrando sempre que ele não nos resume, não é tudo que somos*” (NUÑEZ 2023: 136).

⁶ A obra de Conceição Evaristo no apresenta *escrevivências*, produção com “*originalidade e inovação literárias, ao mesmo tempo, sempre em busca de características e raízes brasileiras, assim como, pela realidade tradutória, em ambiente de diásporas e fortes conexões transculturais*” (DUARTE & NUNES 2020: 106).

⁷ Carolina Maria de Jesus foi - e é - uma das maiores escritoras do século XX. Mulher preta, mineira, catadora de papelão e poeta, produtora de obras teatrais, crônicas, filosofias e

Meios de ser tocada pela literatura, que estava nos livros, na contemplação da natureza, nas histórias que ouvia, na convivência com os outros, nas relações sociais, na revolta, nas frustrações, nas alegrias, nos sonhos, na dor, nas angústias, na fartura, na falta, na saudade, nas suas memórias e vivências [...] Carolina Maria de Jesus: “Mas não é crime se amar/ Nem crime se querer bem/ Eu vivo sempre a esperar/ Por um amor que não vem/ Pulsa este meu coração/ Como uma flor sobre a brisa/ Eu vivo a buscar em vão/ Quem compreenda a poesia/ Minha Santa Aparecida/ Olha quem de ti precisa/ Torna feliz minha vida/ Tem dó da pobre poetisa” [...] A flor será uma constante na poética de Carolina, que, frequentemente, utilizará imagens que remetem à natureza, como flores e aves, para fazer reflexões existenciais (VALERIO 2020: 85-206).

A instrumentalização, útil, “produz” etnocídio monocultural. Ailton Krenak nos conta que *“norma jurídica não é poesia”*, porque o patrimônio da lei não se resume a recursos e mercadoria, porque, em cada linha de nós, há memória *“mais do que significado, que têm sentido para eles na sua cultura. E isso é imaterial”* (KRENAK & CAMPOS 2022: 8).

O direito poético de produção cultural, fluída nas narrativas, pinturas corporais, adornos e demais arte-fatos políticos, dizem respeito às diversidades de organizações comunicativas e pedagógicas de cada território. Karai Djekupé nos conta também:

... não podemos continuar sentenciando a vida das nossas crianças. Se não trabalharmos o hoje como vamos garantir que eles possam trabalhar e lutar pelo amanhã? (GUAJAJARA & DJEKUPÉ 2023: 30).

Retomando o decreto de emergência climática, é possível notar que a DPI chama a atenção para a necessidade do reconhecimento protagonista de povos indígenas e comunidades tradicionais que nos legaram ordenamentos jurídicos, ainda que pouco cumpridos, mas que futuramente iriam desembocar nas bases dos textos de ODS. O que as pessoas mais velhas me dizem:

— *“Bem capaz”!*

escrevivências bantu (VALERIO 2020). Ela também figura no Museu das Favelas, localizado no marco histórico de fundação de São Paulo o *Pateo do Collegio*, erguido por mãos indígena. Na exposição sobre vivências, no módulo Existir, Carolina divide telas junto de Kaê Guajajara, Conceição Evaristo, Maria Beatriz Nascimento e Sérgio Vaz (MUSEU DAS FAVELAS 2024).

Figura 3 - ODS da insígnia



Fonte: Autory (2025).

Educomunicar esses caminhos por meio da escrevivência é lembrar que ainda há muito por ser feito em prol da *democratização e acessibilidade à educação ambiental, enraizada com*

... mídias colaborativas e manuseio democrático de comunicações [...] com direitos à comunicação, o que promove aprendizados coletivos e individuais, favorecendo participação e fortalecendo a democracia (BRIANEZI 2024: 88).

As artes, com apropriações das educomunicações, podem realizar parte dessas missões de retomada tradicional,

... especialmente, a vertente crítica da Educação Ambiental, como as críticas comuns à instrumentalização e o utilitarismo, o incentivo à criação de ecossistemas comunicativos pautados na convivência e o reconhecimento da complexidade inerente à vida (SALDANHA 2025: 159).

Em escolas públicas e outros ambientes públicos, a grande maioria das referências é baseada em uma lógica ocidental e eurocêntrica, com figuras de crianças e adultos brancos ou claros, raramente permeados por algum objeto ou imagem mais associado a suas referências de origem e familiaridade. Estou aqui tratando da enorme omissão de sucessivos governos e da sociedade como um todo em procurar, incentivar e disseminar referências culturais no mínimo tão diversas quanto a diversidade racial e cultural encontrada em um país constituído por seus habitantes originais indígenas, somados aos europeus de diversas nações e aos milhões de escravizados vindos de diversas nações africanas — afinal, 55,8% da população brasileira se autodeclararam pretos ou pardos, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua de 2018 (DUARTE 2020: 235).

**Bem Viver:
terra, pertencimento**

Nadar no Fogo é a quinta faixa do álbum *Zahytata*, ‘Estrela’ em Zeeg’ete, idioma⁸ do tronco Tupy entre povos Guajajara-Tenetehara. Ressignificando o consumo artístico, a obra é uma confluência poética favelada, cultivada num espaço de imaterialidade cultural ancestral.

Kaê Guajajara canta, ... *amor, eu não quero brilhar mais que as estrelas/ eu sou parte da Terra* (NADAR NO FOGO 2023). Em uma linha, a arte-educação de Kaê comunica bem viver, “*materializadas em práticas comunicativas baseadas na lógica de pluriversos*”⁹. Desta forma, cria

*... oposição à objetificação e commoditização de seres humanos e, mais que humanos, a falsa divisão entre cultura e natureza [...] superando a falsa dicotomia de comunicações/tecnologias*¹⁰ e *educações/didáticas* (BRIANEZI 2024: 87).

A ancestralidade fluída¹¹, é

... interagir no mundo, não só no mundo, não no mundo sentido restrito da sua cultura própria, mas de interagir com as outras

⁸ No tronco Tupy é um idioma do galho Guajajara-Tenetehara, das mais de 270 línguas indígenas reconhecidas no Brasil. Em 2019, por demanda de povos indígenas da Bolívia, a ONU decretou década das línguas indígenas abrindo caminhos para o reconhecimento do Brasilind e Linguagem Indígena de Sinais (GT NACIONAL DAS LÍNGUAS INDÍGENAS 2025).

⁹ O conceito de pluriverso que nos referimos é baseado “*na diversidade étnica e linguística, e no reconhecimento de interconexões existentes entre temporalidades e corpos*”, configurando um território ancestral “*já está aqui. É a profunda interação com comunidades humanas e mais do que humanas em coletividades. E isso pode, portanto, dar pistas pra ajudar não-indígenas a afrontar conceitos chave de mitigação à crise ambiental, especialmente às emergências climáticas*” (BRIANEZI 2024: 98).

¹⁰ A esse respeito, Sonia Guajajara nos lembra dos nomes indígenas Tupy de SP: “*estamos com o movimento São Paulo é Terra Indígena, para resgatarmos essa origem, a ancestralidade de um estado que muitas vezes se considera autossuficiente apenas com as novas tecnologias*” (GUAJAJARA & DJEKUPE 2023: 15).

¹¹ Essa ancestralidade fluída não é etnocida, portanto, cultiva temporalidades espiralares político-artísticas, não compactuando com o mito da democracia étnico-racial (CARNEIRO 2024). Trata-se de entender a mestiçagem de forma aquilombada, entre temporalidades tecnológicas, “*assumindo territorializações e circularidades do bem viver. Esse conceito afronta o congelamento racista que se diz preservacionista. Reconhecemos que todas as culturas são híbridas, transbordantes [...] mas cada uma conectada a múltiplos ancestrais específicos tradicionais entre passado, presente e futuros*” (BRIANEZI 2024: 97). Esse pretérito é “*passado como matéria prima - o que me obriga a pensar de maneira crítica sobre meu lugar de origem, sobre ecologia e questões de sustentabilidade - retorno diversas vezes às memórias familiares*” (hooks 2022: 25-6).

culturas, se comunicar e transformar as múltiplas realidades. [...] que as pessoas percebam as múltiplas realidades e como que elas são, o tempo inteiro, mutantes (KRENAK & CAMPOS 2022: 20).

Ainda segundo Ailton Krenak:

Independentemente de a gente demarcar a especificidade do que é produzido por povos originários, por uma etnia ou por uma dessas comunidades que foram relacionadas como povos tradicionais; independentemente do lugar de produção, todas têm em comum o fato de estarem sempre num fluxo constante de criação, de invenção. E o lugar dessa criação e invenção é a nossa subjetividade [...] Os humanos não são só portadores de necessidades materiais, mas são reconhecidamente seres criativos, criadores e portadores de dons transcendentais [...] [cultivam] vínculos muito fortes com a memória e visões de aspectos intangíveis desses sítios, desses lugares onde eles vivem. Querem reivindicar o direito de continuar vivendo nesses territórios e de experimentar a sua cultura como um direito inalienável (KRENAK & CAMPOS 2022: 27-47).

Mas a realização desses pluriversos de direitos que configuram o Bem Viver¹² é particularmente difícil em sociedades racistas, onde

... enfrentamos o problema de as manifestações dos negros e dos indígenas serem classificadas como “folclore” e colocadas em museus de curiosidade, de coisas exóticas (CARNEIRO 2024: 65).

Ressignificando a cultura de consumo desumanizante e antropocêntrica, afrontando a supremacia do branqueamento sexista, conforme nos sugere a escritora estadunidense bell hooks:

... devemos mudar, de maneira coletiva, enquanto nação, nosso pensamento sobre a pobreza, mas, sim, que devemos enxergar valor da vida acima e além de motivações lucrativas [...] conscientização crítica [...] rever prioridades [...] retorno aos valores espirituais, a uma reconexão com a natureza (hooks 2022: 63).

Nessa resposta, o duplo e triplo pertencimento de letramentos ambientais acompanham as dores da exclusão social, falta de acessos,

¹² Bem Viver aqui pode estar lido enquanto grafia de “*buen vivir* or *sumak kawsay* no Equador (respectivamente, em espanhol e quechua) e ao viver bem ou *suma qamaña* na Bolívia (em Spanhiand e Aymara), com confluências ao conceito de *ubuntu*, em países de África [tronco linguístico Bantu entre Zulu e Xhosa que influenciou o pretuguês gonzalino e carolíneano brasileiro, principalmente advém da África Subsaariana, mas não só], e *nhandereko*, no Brasil (em territórios Guarany). Uma possível tradução de vida em plenitude” (BRIANEZI 2024: 89).

improvisos e oportunidades materiais, nos gêneros artísticos, e *“esse lugar peculiar também pode determinar uma ótica original, capaz de apreender ângulos, nuances e especificidades da sociedade”* (CARNEIRO 2024: 42-5).

Sem romantizar a dor, a arte interseccional, que nada no fogo da destruição do racismo ambiental, desabafa potências, torna-se catarse, *“escutar nossa própria mente e nosso coração e verbalizar, sem medo, todas as angústias e sequelas produzidas pelo racismo”* (CARNEIRO 2024: 33).

Formar comunidades nas quais a autoestima não seja resultado do sentimento de superioridade sobre qualquer grupo, mas do nosso relacionamento com a terra, com as pessoas, com o lugar, onde quer que estejamos [...] relacionamento baseado em reciprocidade com a natureza [...] a beleza da coexistência é uma dádiva para mim [...] Mais do que reconhecer a necessidade de ser educado, de ter boas maneiras; meus irmãos e eu deveríamos estar sempre cientes da interconectividade e da interdependência entre todas as pessoas à nossa volta. [...] Vai, então, muito além do comportamento: inclui um entendimento psicanalítico mais profundo, de reconhecê-la como algo que nos faz sujeitos em vez de objetos uns dos outros (hooks 2022: 156-222).

Com *Nadar no Fogo*, as aulas musicais de Kaê em reflorestar amores nos retomam pensamentos críticos contra doutrinações bancárias, de *“desaprender esses roteiros que nos ensinam que prova de amor é abdicar de si, que é abrindo mão da nossa autonomia que demonstraremos o quanto cuidamos, amamos e nos importamos com o outro”* (NUÑEZ 2023: 77).

Assim, nos curar com pertencimento escrevientes da cultura é pertencimento de *“lembrar quem eu sou, reunir os pedaços da minha história e reconectá-los”* (hooks 2022: 42).

— *“Bem capaz”*, possível!

A práxis do território que fala é profundamente esperançado por diversos ritmos de cantorias atlânticas, *“encontro permanente da massa de negros anônimos por meio do movimento soul, que ficou conhecido como Black Rio, uma mistura de funk, samba e jazz”* (CARNEIRO 2024: 54).

Figura 4 - Nuvem de palavra que envolve *escrevivência* y *kilombo*



Fonte: Autory (2025), feito em wordclouds.com

Conforme nos lembra bell hooks, se “o racismo internalizado afetou nossa inteligência emocional” (hooks 2022: 46), além das dores de racismo e cisheterossexismo climático, o pertencimento fortalece nossos amores. É sobre

... autodefinição. No centro dessa cultura contestadora e de resistência havia uma insistência para que fôssemos pessoas dignas e de valor. Reconhecer o valor de alguém significava que esse alguém escolheu ser uma pessoa íntegra de palavra” (hooks 2022: 48).

No bioma Mata Atlântica¹³, onde há de fronteiras com dunas e semiárido da Caatinga até os Pampas, a palavra Tupy *Nhe'ẽ*, é alma, é corpo, em que “*nada para nós sem nós*” (GT NACIONAL DAS LÍNGUAS INDÍGENAS 2025).

Ao “valorizar, resgatar e afirmar uma identidade negra”, vinculada à ancestralidade indígena concomitante às demais marcações sociais (religiões, culturas, territórios, idades), essa escrevivência ressignifica viveres com *Declaração Universal dos Povos Indígenas*.

Segundo Lélia [Gonzalez], essas atividades [didático-educativas e concursos de estética] faziam com que a nossa etnia tomasse consciência do seu papel de sujeito de sua própria história e de sua importância na construção não só desse país, como nas de muitos outros das Américas” (CARNEIRO 2023: 96).

¹³ Conforme nos conta também o Museu das Culturas Indígenas, “os povos indígenas são os maiores defensores da Mata Atlântica. Pesquisa analisa cobertura florestal em territórios homologados e mostra importância dos povos indígenas na proteção e restauração do bioma” (NHE’ËRY 2023).

Conforme Sonia Guajajara retoma:

... falar do bem viver na cidade é, em primeiro lugar, pensar no respeito aos modos de vida dos povos indígenas; é pensar, em primeiro lugar, na valorização da cultura desses povos indígenas e comunidades tradicionais. É pensar na proteção desses direitos dos povos indígenas. É pensar nessa luta climática (GUAJAJARA & DJEKUPÉ 2023: 17).

Conforme nos lembra Eliane Potiguara:

... não há mais nada a fazer/ tudo foi feito/ tudo foi feito. tentativas, invocações, evocações/ ao mundo pleno ou imaterial/ aos espíritos das rochas/ aos espíritos das deusas./ Não há mais nada a pedir/ as palavras morreram.../ meu cansaço, e as queimadas... (POTIGUARA 2024: 27).

Aprofundando legislações internacionais, *Nadar no Fogo* também ressignifica debates de identidades, acessíveis pelo poder do fogo consciente. Contando histórias na fogueira, a obra lembra que o amor-próprio, o cultivo de autoestima, porque, conforme Geni Guarany

... nós, seres humanos, não somos autossuficientes, nunca fomos. Precisamos do ar, da água, da terra, do alimento; precisamos uns dos outros o tempo todo. Nossa interdependência e cuidado circular trazem a saúde da vida (NUÑEZ 2023: 114; NYN 2020).

Das cheias e cinzas, o amor, reflorestado tradicionalmente pelos saberes, que grafam o corpo.

... Um santuário que pode se transformar em um portal [...] é na floresta viva que estão os remédios que curam e a verdadeira escola: a transmissão dos saberes e dos fazeres ancestrais. Ela tem uma grande importância, pois segura o solo com suas mãos, nos fornece água e alimento (NHE'ËRY 2023).

Consideramos Reflorestar Jeitos de Amar

Nesse artigo, pensamos em possibilidades artísticas e sudestinas do que pontuamos “*competências técnicas e profissionais, para emprego, trabalho decente e empreendedorismo*” (ONU 2015). Em um(s) mundo(s) resilientes às emergências climáticas, há caminhos pelo “*fortalecimento de órgãos responsáveis pela implementação das políticas públicas voltadas aos nossos povos*” (APIB 2023: 3); estabelecendo fundamental

... programa de formação continuada, com informação acessível, inclusive nas línguas indígenas, que contemple as políticas nacionais e internacionais sobre mudança do clima e temas correlatos que dialoguem com as diversas realidades dos nossos povos [...] sem deixar de fora nenhum dos biomas brasileiros” (APIB 2023: 4).

Reflorestar o Jeito de Amar é um território de autocuidado diário e noturno; regeneração dos biomas e de mobilidades e comunicações advindas das ODS e DPI, milenarmente. O ano todo, o reflorestamento

... deve ser realizado, preferencialmente, com espécies nativas da região, mesmo aquelas que foram completamente retiradas da área da floresta [...]. A vantagem desse procedimento é a rapidez com que os seus efeitos se concretizam, além da variabilidade genética proporcionada pela grande diversidade de espécies que se apresentarão (NHE'ÉRY 2023).

Além de reivindicar direitos, propomos a temporalidade de cumprimento dessas linguagens jurídicas de direitos coletivos, junto da práxis de amar para além do capital econômico insustentável. Em um trabalho artístico psicopedagógico, esse pensamento comunica que *“autoestima precisa de alimento, de moradia, de trabalho digno para se fortalecer, de relações potáveis”* (NUÑEZ 2023: 156).

Portanto, conforme Sonia Guajajara¹⁴, são jeitos de

... pensar o bem viver na cidade é pensar essa necessidade urgente da proteção ambiental, dos nossos parques públicos, da restauração das nascentes, da restauração dos rios (GUAJAJARA & DJEKUPE 2023: 23).

A psicóloga Geni Nuñez retoma esse sentido nos afetos afirmativos:

... assim como um trauma se fortalece na repetição, quando reflorestamos nossos vínculos isso também pode reescrever novas alegrias, novos sonhos e novos mundos (NUÑEZ 2023: 128).

¹⁴ Por isso, a primeira ministra dos Povos Indígenas reescreve: *“se não houvesse essas terras demarcadas esse modo de vida dos povos indígenas preservado, não teríamos vida em lugar nenhum [...] se não houver demarcação desses territórios, não haverá solução para a crise climática”* (GUAJAJARA & DJEKUPÉ 2023: 17).

Figura 5 – Soul



Fonte: Gemini¹⁵ (2025).

Conforme reforça a escritora estadunidense bell hooks:

A vida é repleta de picos e vales, triunfos e adversidades. Muitas vezes, sofremos por querer viver em um mundo somente de vales, sem lutas ou dificuldades, um mundo plano, reto, consistente. Relutamos em enxergar a verdade da diferença e da diversidade. [...] Relutamos em aceitar mudanças. Mas, quando somos capazes de encarar a realidade com seus altos e baixos, admitindo que eles são necessários para o desenvolvimento e a autorrealização, conseguimos sentir aquele bem-estar íntimo que é a base da vida interior. Essa vida de apreço pela diferença, pela diversidade, vida na qual admitimos o sofrimento como peça central à experiência da alegria, se reflete em nosso meio natural (hooks 2022: 55).

O “pensamento” racista é a “monocultura da fé, que não admite concomitância, que não consegue viver com a diversidade” (NUÑEZ 2023: 29). E isso também ocorre em “lógicas” pluriversais. Ou seja, não é a quantidade nem a qualidade racional e/ou emocional em si, porque

... a ênfase da construção ética está nas práticas que adotamos, pois não basta adotar determinado vocabulário sem buscar uma relação de continuidade com a prática”. Trata-se de construir e cultivar outras e demais formas de vivenciar vínculos afetivos

¹⁵ A arte foi criada a partir de um prompt fornecido por João (Autory), a uma inteligência artificial (Gemini 2025), a partir de um texto sobre “reflorestar a alma” em 21/09/2025.

Letramento SocioAmbiental, Atibaia, 3 (2): 1103-1121, 2025
positivos e/ou negativos, “independente de seu número” (NUÑEZ 2023: 64-99).

Nos lembra Sonia Guajajara:

Nós estamos fazendo esse chamado por meio do Reflorestamento. Essa é a mensagem que trazemos hoje: o reflorestar das ideias, o reflorestar dos pensamentos, o reflorestar dos corações [...] Só reflorestando os corações é que vamos formar essa consciência que o mundo precisa, entendendo que são exatamente as nossas escolhas políticas que vão garantir o nosso futuro. Não tem como pensar uma agenda econômica no Brasil hoje sem pensar a agenda ambiental. Não tem como desconectar a luta indígena da luta ambiental e da economia (GUAJAJARA & DJEKUPE 2023: 21-22).

Nesse artigo buscamos chamar a atenção pro protagonismo indígena, de coexistência e concomitância amorosa. Com o combate ao racismo climático, é

... olhar além da cor da pele e reconhecer o conteúdo de nosso caráter”, ou seja, para não sermos “paranoicos nem criar suposições com base em estereótipos sobre qualquer pessoa branca¹⁶ que encontramos. O contrário também serve para brancos em interações com negros (hooks 2022: 139).

Conforme notamos, o Viver¹⁷ precisa ir além da sobrevivência consumista predatória, conversas entre povos de formas crítica. Abrandando chamadas com Thay, é sobre

... mudar a energia do seu hábito [...] tudo é possível quando a porta da comunicação se abre. [...] paz, reconciliação e felicidade começam com você. [...] sempre há formas de se criar mais alegria, paz e harmonia, e você tem acesso a elas (HANH 2022: 56-170).

¹⁶ Há também uma práxis de consciência em “ao invés de perder o ar” (NADAR NO FOGO 2023). Cosmopercepções, além do fenótipo binário acrítico, respiram conscientemente com a visibilidade indígena, notando também o direito de reconhecer que “nós agimos baseados em percepções equivocadas o tempo todo. Não deveríamos ter tanta certeza de nenhuma das nossas percepções” (HANH 2022: 79). Isso não é ser conveniente à meritocracia étnico-racial, porque precisamos lembrar historicamente “críticos culturais a enxergar e nomear publicamente a ligação entre a dominação racista branca e a destruição da terra” (hooks 2022: 218), uma realização em que “sinta o contato dos seus pés no chão e esteja consciente do ar que entra e sai do seu corpo”, nos lembra o Monje Thich Nhat Hanh (HANH 2022: 35).

¹⁷ Contrapondo a noção de Bem, Nuñez nos lembra “somos ensinados/as/es a associar a opressão, racismo e demais violências a algo relacionado ao ódio, ao mal; mas para contracolonizar, ou seja, para fazer um esforço contrário à colonização, precisamos reconhecer que é justamente em nome do bem, da família e do amor que a maior parte das violências se perpetua” (NUÑEZ 2023: 27).

Visibilizar práticas de protagonismo indígena em escalas contra emergência climática, sem deixar nenhum bioma para trás (HIDALGO; GOULART & SANTOS 2020), é fazer

... denúncias das condições subumanas nas quais viviam os favelados, poemas que tratam da idealização da natureza, como refúgio para o poeta angustiado, que deseja fugir da realidade que o atormenta (VALERIO 2020: 255).

É necessário existir para além de só resistir, porque cansa lutar com fome e sede. Tudo isso é lindo no discurso, mas

... mesmo com todos os instrumentos jurídicos nacionais e internacionais, como a Declaração Universal dos Direitos dos Povos Indígenas na ONU, os direitos étnicos são desrespeitados por governos anti-indígenas (POTIGUARA 2024: 61).

Essa fuga é um encontro, enquanto berço filosófico de liberdades de crenças e culturas (EPISTEMOLOGIA 2022). Consideramos respeito a

... conhecimentos e habilidades necessárias [com] *“estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e não violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura* (ONU 2015).

São princípios que também melhoram sustentabilidades de economias, a curtos, básicos, médios, fundamentais e longos, prazos e ensinos.

Referências

APIB (2023). “Povos indígenas decretam emergência climática”. Disponível em: <https://apiboficial.org/files/2023/04/Carta-Povos-Indi%C3%A7%C3%A3o-decretam-Emergencia-Clima.docx.pdf>
Acesso em: 03/11/2025.

BRASIL (2025). “Abril indígena: Resolução garante direito ao nome e autonomia dos povos indígenas com o fim da exigência do RANI”. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2025/abril-indigena-resolucao-garante-direito-ao-nome-e-autonomia-dos-povos-indigenas-com-o-fim-da-exigencia-do-rani> Acesso em: 03/10/2025.

BRIANEZI, T. (2024). “Convergence between educommunication and good living: Decolonial narratives of other possible futures.” In: FULUFHELO, O.M. & SHUMANI, E.M. Shumani (Orgs.). *Decolonizing digital media and*

Letramento SocioAmbiental, Atibaia, 3 (2): 1103-1121, 2025
indigenization of participatory epistemologies languages of the Global South
(Vol. 1: 83—93). Routledge.

CARNEIRO, S. (2024). *Lélia Gonzalez: Um retrato*. Zahar.

DUARTE, C.L. & NUNES, I.R. (Orgs.) (2020). *Escrevivência: A escrita de nós*.
Mina Comunicação e Arte.

EPISTEMOLOGIA (2022). “O futuro é ancestral”. [Vídeo, 6 min]. *Canal GNT*.
YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=CxbYXOyOcIA> Acesso em:
03/11/2025.

GT NACIONAL DAS LÍNGUAS INDÍGENAS (2025). *Década Internacional das*
Línguas Indígenas. Disponível em:
[https://www.decadalinguasindigenasbr.com/carta-da-decada-](https://www.decadalinguasindigenasbr.com/carta-da-decada-internacional-das-linguas-indigenas-no-brasil-no-atl-2025/)
[internacional-das-linguas-indigenas-no-brasil-no-atl-2025/](https://www.decadalinguasindigenasbr.com/carta-da-decada-internacional-das-linguas-indigenas-no-brasil-no-atl-2025/) Acesso em:
03/10/2025.

GUAJAJARA, S. & DJEKUPE, T.H.K. (2023). *Cidades do bem viver* (Coleção
Outras Palavras). Editora Escola da Cidade.

HANH, T.N. (2022). *Raiva: Sabedoria para abrandar as chamas*. Vozes.

HIDALGO, R.A.; GOULART, A.L. & SANTOS, R.S. (2020). “Mulheres, clima e
agenda 2030: Narrativas verbais-imagética para não deixar ninguém para
trás”, *Ambiente & Educação: Revista de Educação Ambiental*, 25(3): 140—167.
Disponível em: <https://doi.org/10.14295/ambeduc.v25i3.12354> Acesso em:
03/11/2025.

hooks, b. (2022). *Pertencimento: Uma cultura do lugar*. Elefante.

KRENAK, A. & CAMPOS, Y. (2022). *Lugares de origem*. Jandaíra.

MUSEU DAS FAVELAS (2024). “Sobre vivências”. Disponível em:
<https://www.museudasfavelas.org.br/longa-duracao-sobre-vivencias/>
Acesso em: 03/11/2025.

NADAR NO FOGO (2023). [Vídeo, 2 min]. “Canal Azuruhu”. YouTube. Disponível
em: <https://www.youtube.com/watch?v=BCG9YiVgZhs> Acesso em:
03/11/2025.

NHE’Ë PORÃ (2023). *Memória e transformação*. Disponível em:
<https://nheepora.mlp.org.br/> Acesso em: 03/11/2025.

NHEËRY (2023). “Exposição Nhe’ëry: Onde os espíritos se banham”, *Museu das Culturas Indígenas*. Disponível em: <https://museudasculturasindigenas.org.br/exposicoes/exposicao-nheery/> Acesso em: 03/11/2025.

ONU (2008). *Declaração das Nações Unidas sobre o direito dos povos indígenas*. Disponível em: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Declaracao_das_Nacoes_Unidas_sobre_os_Direitos_dos_Povos_Indigenas.pdf Acesso em: 03/11/2025.

____ (2015.). *Objetivos de desenvolvimento sustentável: ODS 4 educação de qualidade*. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/4> Acesso em: 03/11/2025.

REDAÇÃO (2025) “Exposição no Metrô de São Paulo apresenta obras sobre sustentabilidade de 17 artistas”, *Alma Preta*. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cultura/exposicao-no-metro-de-sao-paulo-apresenta-obras-sobre-sustentabilidade-de-17-artistas> Acesso em: 03/11/2025.

SALDANHA, F. (2025). “Tendências da educomunicação socioambiental: Diversidade epistemológica nas práticas de intervenção social”, *Revista Eco-Pós*, 28(1): 157–180. Disponível em: <https://doi.org/10.29146/ecops.v28i1.28461> Acesso em: 03/11/2025.

UFPA (2025). “ODS 4 — Educação de Qualidade”. Disponível em: <https://ufpa.br/ods-4-educacao-de-qualidade/> Acesso em: 03/10/2025.

VALERIO, A.C F. (2020). “A poesia de Carolina Maria de Jesus: Um estudo de seu projeto estético, de suas temáticas e de sua natureza quilombola” (Tese de doutorado). Universidade Estadual de Londrina.

Sobre o autor

João Augusto Rodriguez Quintino é Graduado em Comunicação Social pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. É mestre em Ciências da Comunicação no PPGCOM da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Racializado branco, é paulistano, sudestino, e pesquisa culturas e acessibilidades Hip Hop enquanto psicoterapias de educação e comunicações.